

Retrato de um mestre...



Sinto-me quase que impotente diante da tarefa de converter em palavras tudo o que guardo em minha lembrança sobre os anos que convivi ao lado do professor Hilton Rocha, tanto na qualidade de residente, "fellow" ou assistente.

Não bastaria falar do médico, famoso e admirado em todos os cantos do nosso país; do cientista, conhecido até mesmo fora de nossas fronteiras, através das centenas de trabalhos publicados: do homem público, que defendeu sempre a Medicina e a classe médica, nos diversos cargos que ocupou. Para isso, seria suficiente, talvez, passar os olhos por seu longo e admirável curriculum vitae, que retrata uma vida inteira dedicada à Oftalmologia, ao estudo dessa ciência e a missão de difundí-la.

Seus trabalhos científicos, publicados em revistas nacionais e estrangeiras, chegam a mais de 250; suas conferências, palestras, au-

las inaugurais, cursos de que participou, congressos que presidiu, preenchem folhas e folhas.

Orador emérito, de palavra fácil e espontânea, sempre com uma historinha interessante para ilustrar este ou aquele fato, seus discursos agradam plateias acadêmicas ou leigas, suas palestras, embora cientificamente elevadas, são sempre claras, de fácil compreensão.

Entretanto, é no ensino que sua personalidade se torna magistral e imponente, não apenas na formação de novos especialistas, mas na criação, em nosso meio, de uma verdadeira Escola de Oftalmologia.

Aos 31 anos de idade, já era o Prof. Hilton Rocha catedrático, após concurso, da cadeira de Oftalmologia da Faculdade de Medicina da U.F.M.G., onde lecionou por muitos anos aos jovens estudantes de medicina. Mas não bastava formar médicos com conhe-

cimentos básicos da matéria; era necessário formar especialistas com conhecimentos profundos e extensos da Oftalmologia. E, então, após anos de luta, conseguiu ser ele o criador e coordenador, em 1959, do Curso de Especialização e Doutorado em Oftalmologia da UFMG, um dos primeiros cursos desta especialidade a ser formado no país.

E foi aí, no Hospital São Geraldo, clínica de olhos da Faculdade de Medicina da UFMG., que eu, como muitos outros colegas, tivemos o privilégio de gozar da convivência do Prof. Hilton Rocha, figura que se tornou para nós, seus discípulos, paternal, lendária e mística.

Vindo nós de vários pontos do país, alguns bem longínquos, encontrávamos no Professor a simpatia, apoio, ajuda, conforto, nas nossas horas de solidão ou dificuldade. Como um pai afetuoso, sempre se preocupava com os problemas de cada um de seus pupilos, fossem estes de qualquer natureza, emocional, física ou até financeira.

Como residente, o Prof. Hilton nunca se negou a responder a qualquer de nossas perguntas, a examinar qualquer um de nossos casos difíceis, a ajudar-nos no diagnóstico de qualquer complicação.

Era freqüente encontrar um residente (como muitas vezes aconteceu comigo), ao lado de um indigente, este caminhando sobre sandálias havaianas, vestimenta rota e impregnada de suor, batendo levemente à porta do consultório particular do Professor. Ao abrir a porta, víamos o rosto pálido do mestre, seu sorriso calmo e sentíamos seu coração e mente abertos, prontos a atender seu discípulo. Em sua sala de espera, e mesmo dentro de seu consultório, homens de Estado, homens de finanças, esperavam ser atendidos. O Professor, com seu maneirismo, pedia a seu cliente que esperasse alguns segundos, os quais, às vezes, se prolongavam por vários minutos, para que ele pudesse auxiliar seu residente. Então, dentro da mesma sala, nas mesmas banquetas do paciente particular, sentava-se o indigente, que era examinado com todo o cuidado. Ao mesmo tempo, o Prof. Hilton Rocha, num pincelar de palavras, dando uma verdadeira aula sobre o "caso", esclarecendo o que antes parecera uma incognita. Com a mesma tranqüilidade e com o mesmo de jogo de palavras, fazia com que seu diagnóstico, conduta e prognóstico não fossem sentidos pelo paciente. Outras vezes ocorria que ao invés de levar-lhe o nosso paciente, ele mesmo, ao saber de alguma dificuldade pessoal de algum aluno,

deixava sua atividade privada para ir aos ambulatórios dar-lhe sua assistência. Nesse momento, como um passe de mágica, os outros residentes largavam suas atividades para escutarem também a dissecação do "caso" em estudo.

Já formado, agora nos dedicando à tese de doutoramento, o Prof. Hilton, quer como orientador, quer como co-orientador e mesmo sem nenhuma ligação com o trabalho, estava sempre atento e pronto a ajudar-nos com sugestões, correções e, por que não dizer, como o construtor moral da tese. Esperávamos sempre ter a sua presença na mesa examinadora das teses, pois sabíamos que ele teria sempre uma palavra de confiança e auxílio nos momentos mais agressivos da defesa.

Ao sairmos da residência, quantas vezes fomos ajudados por suas cartas, endereçadas aos melhores Serviços de Oftalmologia do mundo, na obtenção de estágios especializados. Graças a estes, às vezes simples bilhetes, um grande número de seus ex-residentes, teve a oportunidade de conhecer outros centros oftalmológicos.

Como assistente, ajudava-nos discretamente, sem usar uma palavra de crítica, sempre dando a impressão de que nossa opinião era também a dele, e ao comentar algum engano nosso, justificava-o com tantas palavras que no fim, sentíamos aliviados e gratificados com mais aquela demonstração de confiança.

O Prof. Hilton Rocha já não trabalha na Clínica Oftalmológica da UFMG., onde dedicou tantos anos de sua vida. Não o vemos mais, percorrendo os corredores do "São Geraldo", com sua longa bata de linho branco que deixava entrever largos suspensórios à moda antiga. Aposentou-se após quase 40 anos de Cátedra! Entretanto, continua ainda apesar de seus 70 anos, trabalhando proficuamente, tanto na formação de novos especialistas, como na pesquisa científica, no grande Instituto que leva o seu nome e que é, creio eu, a realização máxima de sua vida.

A figura serena do Prof. Hilton Rocha, sua personalidade singular e carismática, suas atitudes firmes e coerentes, seus ensinamentos, seguros e objetivos, sempre prontos a orientar nosso trabalho, permanecerão sempre na lembrança de todos nós, que fomos, e seremos sempre, seus discípulos. Sua imagem continuará a indicar-nos a rota científica e sentimental a ser seguida no caminho da vida.

Fernando Oréfice

Prof. Adjunto da Clínica Oftalmológica
da F.M.U.F.M.G.